

PRIMEIRO CAPÍTULO

— Ah, as senhoras! Estão sempre presentes quando algo acontece!
— A voz pertencia ao senhor Mallett, um dos nossos fabriqueiros, e o seu tom malicioso causou-me um sobressalto de culpa, quase como se não tivesse o direito de ser descoberta à porta de minha casa.

— Gente nova a mudar-se? A presença de uma carrinha de mudanças parece indicar isso mesmo — prosseguiu ele de forma pomposa. — Estou a contar com que *você* saiba.

— Pois, enfim, costuma acontecer — disse eu, sentindo-me um pouco irritada com a sua suposição. — É difícil não se saber coisas deste género.

Julgo que qualquer mulher solteira de trinta e poucos anos, que viva sozinha e não tenha ligações aparentes, deva esperar achar-se envolvida ou interessada na vida dos outros e, sendo também filha de um sacerdote, então poderíamos de facto dizer que não há esperança no seu caso.

— Enfim, *tempus fugit*, como diz o poeta — gritou o senhor Mallett ao acelerar o passo.

Embora não pudesse senão concordar que sim, fugia, mandriei o suficiente para ver os homens das mudanças a pousarem um par de cadeiras no passeio e, ao subir as escadas para o meu apartamento, ouvi os passos de alguém nas divisões vazias debaixo de mim, de um lado para o outro sobre as tábuas nuas, decidindo a localização de cada mobília.

É a senhora Napier, pensei, pois reparara numa carta dirigida a alguém com esse nome, assinalada com um «A Aguardar a Chega-

da». Porém, agora que ela se materializara, eu sentia perversamente que não me apetecia vê-la, daí que tenha rumado depressa às minhas próprias assoalhadas e tenha começado a arrumar a cozinha.

Cruzei-me com ela pela primeira vez junto das latas do lixo, nessa mesma tarde. As latas do lixo ficavam na cave e eram partilhadas por todos os que viviam na casa. No piso térreo havia escritórios e, por cima, dois apartamentos, não propriamente independentes e sem todas as comodidades. «Tenho de partilhar uma casa de banho», murmurara eu bastas vezes, quase com vergonha, como se tivesse sido considerada indigna de uma casa de banho própria.

Debrucei-me sobre a lata e raspei umas folhas de chá e umas cascas de batata do fundo do meu balde. Fiquei atrapalhada por nos conhecermos desta maneira. Tencionara convidar a senhora Napier para tomar café numa destas noites. Teria sido uma ocasião atenciosa e civilizada, com as minhas melhores chávenas de café e biscoitos, em pratinhos de prata. E, de repente, eis-me ali desastrosamente com a minha roupa mais velha, de balde e cestos de papéis na mão.

A senhora Napier foi a primeira a falar.

— Deve ser Miss Lathbury — disse abruptamente. — Reparei no seu nome ao lado de uma das campainhas.

— Sim, vivo no apartamento por cima do seu. Espero que esteja a instalar-se com todo o conforto. As mudanças são cá uma trabalhadeira, não são? Parece demorar imenso tempo até termos tudo no sítio. Perdemos sempre coisas fundamentais como uma chaleira ou uma frigideira... — As banalidades fluíam facilmente da minha boca, talvez porque, com a minha experiência paroquial, me sei capaz de lidar com a maioria das situações mais comuns ou até com os grandes momentos da vida: o nascimento, o casamento, a morte, um bazar de caridade coroado de êxito, a festa de jardim estragada pelo mau tempo... «A Mildred ajuda tanto o pai», costumavam dizer após o falecimento da minha mãe.

— Será agradável ter mais alguém na casa — atirei, já que eu e a minha amiga Dora Caldicote tínhamos sido as únicas ocupantes durante o último ano da guerra, tendo eu ficado bastante sozinha no último mês após a partida da Dora para ocupar uma vaga de professora no campo.

— Enfim, acho que não estarei muito tempo por casa — disse rapidamente a senhora Napier.

— Ah, claro — disse eu, recuando. — Eu também não. Na realidade, passava imenso tempo em casa, embora compreendesse a sua relutância em comprometer-se com algo que pudesse vir a tornar-se uma maçada ou uma prisão. Éramos, assim à primeira vista, um par deveras improvável para encetar uma amizade. Ela tinha cabelo claro e era bonita, vestia de modo jovial umas calças de bombazina e uma camisola clara, ao passo que eu, apagada e como que modesta, chamava a atenção para estas qualidades através da deselegante bata e da velha saia fulva. Permitam que me apresse a acrescentar que não sou de todo como Jane Eyre, que terá dado esperanças a tantas mulheres modestas que contam a sua história na primeira pessoa, nem nunca me considerei parecida com ela.

— O meu marido sairá em breve da marinha — disse a senhora Napier, quase num tom de advertência. — Estou só a preparar a casa.

— Ah, compreendo. — Pus-me a pensar o que poderia ter trazido um oficial da marinha e a sua mulher para esta zona pobre de Londres, tão terrivelmente do lado «errado» de Victoria Station, tão definitivamente *não* Belgravia, pela qual eu nutria um carinho sentimental, mas que não costumava atrair pessoas com a aparência da senhora Napier. — Julgo que continuará a ser bastante difícil encontrar um apartamento — prossegui, levada pela curiosidade. — Estou aqui há dois anos e nessa altura era muito mais fácil.

— Sim, foi uma trabalhadeira e isto aqui não é propriamente aquilo que pretendíamos. Não me agrada nada a ideia de partilhar uma casa de banho — disse ela sem cerimónia — e não sei o que dirá o Rockingham.

Rockingham! Agarrei-me àquele nome como se fosse uma jóia preciosa que estivesse na lata do lixo. O senhor Napier chamava-se Rockingham! Como odiaria o portador de tal nome a partilha de uma casa de banho! Apressei-me a desculpar-me. — De manhã sou sempre *muito* rápida e ao domingo costumo levantar-me cedo para ir à igreja — disse.

Ela sorriu perante a informação e depois pareceu sentir-se obrigada a acrescentar que naturalmente ir à igreja não lhe dizia nada.

Subimos em silêncio com os nossos baldes e cestos de papéis. A oportunidade de «dar uma palavrinha», algo que o nosso pastor sempre nos instigava a fazer, apresentou-se e esfumou-se. Chegámos ao seu apartamento e, para minha grande surpresa, ela perguntou-me se eu gostaria de tomar um chá consigo.

Não sei se as solteironas são de facto mais indiscretas do que as casadas, embora ache que são tidas como tal por causa do vazio das suas vidas, mas dificilmente conseguiria admitir perante a senhora Napier que a dada altura da tarde arranjava maneira de ir varrer o meu lanço de escadas para poder espreitar entre os balaústres e observar a chegada da sua mobília. Eu, que reparara que ela possuía algumas coisas de qualidade — uma secretária de nogueira, uma arca de carvalho trabalhado e um conjunto de cadeiras Chippendale —, apercebi-me ao segui-la até à sala de estar de que também possuía alguns pequenos objectos interessantes, pisa-papéis e globos de neve vitorianos, muito à semelhança dos que eu tinha lá em cima na prateleira da lareira.

— São do Rockingham — disse ela, enquanto eu os admirava.
— Colecciona objectos vitorianos.

— Mal tive necessidade de os coleccionar — disse eu. — A minha antiga casa era uma reitoria e estava cheia de objectos assim. Foi complicadíssimo perceber o que guardar e o que vender.

— Suponho que seria uma grande reitoria rural e pouco prática, com passagens de pedra, candeeiros a petróleo e demasiadas divisões — disse ela de repente. — Por vezes temos saudades de coisas dessas. Embora odiasse viver num sítio assim.

— Sim, era assim — disse eu —, mas era bastante agradável. Às vezes sinto-me aqui um pouco apertada.

— Mas tem mais divisões do que nós, não tem?

— Sim, tenho também um sótão, mas as divisões são bastante pequenas.

— E temos a tal casa de banho partilhada — murmurou ela.

— Os primeiros cristãos tinham tudo em comum — lembrei-a.

— Dê graças por termos cada uma a sua cozinha.

— Sim, meu Deus! Iria odiar partilhar uma cozinha comigo. Sou uma grande desmazelada — disse ela, quase com orgulho.

Enquanto ela preparava o chá, entretive-me a espreitar os seus livros, que jaziam amontoados no chão. Muitos deles pareciam ser de um teor obscuro e científico, havendo também uma pilha de publicações de capa verde que apresentavam o título um pouco austero e surpreendente de *Homem*. Fiquei a pensar sobre o que seriam.

— Espero que não se importe de beber chá em caneca — disse ela, aparecendo com um tabuleiro. — Disse-lhe que era desmazelada.

— Não, claro que não — disse eu como qualquer pessoa diria, enquanto pensava que o mais provável seria Rockingham não gostar nada de chá em caneca.

— O Rockingham é quem cozinha quase tudo quando estamos juntos — disse ela. — Ando demasiado ocupada, na verdade, para fazer grande coisa.

As mulheres não deveriam andar demasiado ocupadas para cozinhar para os seus maridos, pois não?, pensei com espanto, retirando um grosso naco de pão com doce do prato estendido. Mas talvez, dado o seu amor por coisas vitorianas, Rockingham também apreciasse cozinhar, pois eu reparara que os homens não costumavam fazer o que quer que fosse, a menos que gostassem. — Foi algo que a marinha lhe ensinou? — aventei.

— Ah, não, sempre foi bom cozinheiro. A marinha não lhe ensinou nada, na verdade. — Soltou um suspiro. — É ajudante de campo de um almirante em Itália e nos últimos dezoito meses tem estado a viver numa casa de campo luxuosa com vista para o Mediterrâneo, enquanto eu calcorreava África.

— *África?* — repeti, atónita. Seria ela uma missionária, afinal? Parecia bastante improvável e de repente lembrei-me de que ela dissera que nunca ia à igreja.

— Sim, sou antropóloga — explicou.

— Ah. — Fiquei calada de pasmo, e também porque não sabia ao certo o que era um antropólogo, nem me lembrei de nenhum comentário inteligente para fazer.

— O Rockingham não tem tido muito que fazer para lá de ser encantador para uma série de aborrecidas funcionárias da marinha com fardas brancas que não lhes assentam bem, tanto quanto me é dado a perceber.